

José Marques de Melo

O Ministério da Educação realizou em Brasília, no início do mês, um seminário destinado a questionar o futuro da nossa escola. O enfoque privilegiado foi o desenvolvimento da educação básica nas próximas duas décadas.

Participaram do evento especialistas da área de pedagogia, funcionários governamentais e autoridades universitárias. Destacaram-se as contribuições de Cristóvam Buarque, Divonir Guzzo, Bautista Vidal e Sérgio Mascarenhas. O ministro Carlos Sant'Anna proclamou a urgência de se transformar a escola brasileira como pressuposto para a retomada do crescimento econômico.

Dois vertentes dominaram os debates. A primeira enfatizou o uso das novas tecnologias — videocassete, computador, telefax, etc. — para dinamizar o binômio ensino-aprendizagem. A segunda enfocou o retrocesso sofrido pela escola pública, em todos os quadrantes do território nacional, cujo resultado mais evidente é o despreparo das novas gerações para exercer a cidadania e desempenhar funções ocupacionais.

Apesar da expansão da rede escolar, sobretudo nas regiões mais desenvolvidas, a qualidade de ensino ministrado piorou significativa-

mente. Os índices de evasão, repetência e fracasso cognitivo são alarmantes.

Nas últimas décadas a educação figurou como item inexpressivo nos investimentos públicos. A remuneração atribuída aos professores da rede estadual deixou de ser compensadora economicamente, causando a migração dos docentes qualificados para o exercício de atividades mais rendosas. A eclosão de greves contínuas para reinvidicar melhorias salariais desgastou e desmotivou o magistério.

O professor perdeu a autoestima, razão pela qual decresce a procura de oportunidades para adquirir competência pedagógica. Os jovens preferem direcionar-se para carreiras mais bem sucedidas no mercado e melhor valorizadas pela sociedade.

O seminário de Brasília partiu do diagnóstico da situação para visualizar os desdobramentos da crise educacional brasileira neste final de século. Se não houver opção imediata para investir em programas de educação básica, a corrida pelo avanço científico e pela modernização sócio-cultural estará perdida de antemão.

De qualquer maneira, torna-se indispensável incorporar as inovações tecnológicas às instituições de

ensino, rompendo com o modelo de escola ritualista e burocrática. Nesse sentido, deve-se articular a educação formal com os processos mais velozes de assimilação intelectual que ocorrem através dos meios de comunicação de massa e da aprendizagem prática decorrente da inserção precoce dos adolescentes na vida profissional.

A escola do futuro poderá ser mais eficaz, absorvendo a tecnologia disponível para transmitir novos conhecimentos e para demonstrar novas formas de aplicação do saber acumulado. Mas ela só produzirá efeitos se contar com o empenho de professores autoconfiantes, melhor treinados para as tarefas da sala-de-aula. Trata-se de um desafio a ser enfrentado pelas universidades e pelos centros de formação pedagógica.

Evidentemente tudo isso fica dependendo da decisão governamental de priorizar investimentos em recursos humanos, pesquisa científica, produção cultural. Do contrário, teremos uma escola sem futuro.

□ José Marques de Melo é jornalista e diretor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo